

## Música e Educação Ambiental: composições discursivas na fabricação do *Naturalismo poético-pampeano*

*Music and Environmental Education: discursive crection of the poetic-pampean Naturalism*

*Música y educación ambiental: composiciones discursivas en la fabricación del un naturalismo poético-pampeano*

Virgínia Tavares Vieira

Universidade do Planalto Catarinense

[vi\\_violao@yahoo.com.br](mailto:vi_violao@yahoo.com.br)

<https://orcid.org/0000-0001-8560-3780>

Paula Corrêa Henning

Universidade Federal do Rio Grande

[paula.c.henning@gmail.com](mailto:paula.c.henning@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0003-3697-9030>

Lorena Santos da Silva

Universidade Federal do Rio Grande/ RM-Rio Grande

[lory.lorenasantos@gmail.com](mailto:lory.lorenasantos@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0003-1949-2124>

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo mostrar como vem sendo fabricadas formas de narrar a natureza do pampa sulino. O aporte teórico-metodológico que sustenta a pesquisa trata de algumas ferramentas da Análise do Discurso a partir de Michel Foucault. Nesta pesquisa, o sujeito gaúcho emerge no *corpus* discursivo como pertencente a paisagem natural e cultural pampeana. Beleza natural e Cultura Gaúcha é um dos enunciados que sustenta a fabricação discursiva do *Naturalismo poético-pampeano*. Tal enunciado foi constituído ante uma recorrência de enunciações que enaltecem os elementos naturais de forma bela e romântica tendo o sujeito gaúcho como mais um elemento na composição dessa paisagem. Trata-se de um tipo particular de naturalismo, na qual o sujeito gaúcho é poeticamente articulado a paisagem sulina. No Naturalismo poético-pampeano do final do século XX e início do século XXI, gaúcho e elementos naturais vão constituindo a própria natureza.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental. Cultura. Michel Foucault. Música pampeana.

### ABSTRACT

*This paper aims to show how ways of narrating the nature of the Southern Pampa are being produced. The theoretical and methodological framework that supports the research deals*

*with some tools of Discourse Analysis from Michel Foucault. In this research, the gaucho subject emerges in the discursive corpus as belonging to the Pampeana natural and cultural landscape. Natural beauty and Gaúcha culture is one of the statements that sustains the discursive fabrication of poetic-pampeana Naturalism. Such statement was constituted in the face of a recurrence of statements that praise the natural elements in a beautiful and romantic way, having the gaucho subject as another element in the composition of this landscape. It is a particular type of naturalism, in which the gaucho subject is poetically articulated to the southern landscape. In the poetic-Pampeana Naturalism of the late 20th and early 21st centuries, gaucho and natural elements constitute nature itself.*

**Keywords:** Culture. Environmental Education. Pampeana Music. Michel Foucault.

## RESUMEN

*El objetivo del presente artículo es mostrar cómo son fabricadas las formas de narrar la naturaleza de la pampa sureña. El aporte teórico metodológico que sostiene la pesquisa trata de algunas herramientas del Análisis del Discurso desde Michel Foucault. En esta pesquisa, el sujeto gaucho emerge en el corpus discursivo como perteneciente al paisaje natural y cultural pampeano. Belleza natural y Cultura gaucha es uno de los enunciados que sostiene la fabricación discursiva del Naturalismo poético pampeano. Dicho enunciado se constituyó ante una recurrencia de enunciaciones que enaltecen los elementos naturales de forma bella y romántica y tiene el sujeto gaucho como otro elemento más en la composición de ese paisaje. Se trata de una clase particular de naturalismo, donde el sujeto gaucho es poéticamente articulado al paisaje sureño. En el Naturalismo poético-pampeano de fines del siglo XX y comienzos del siglo XXI, gaucho y elementos naturales van constituyendo la propia naturaleza.*

**Palabras clave:** Cultura. Educación Ambiental. Michel Foucault. Música pampeana.

## Primeiras notas

Não há uma única maneira de ver o mundo e de estabelecer relações com ele (GUATTARI, 2008). As transformações sentidas e vividas pela humanidade, o modelo de vida que se instala na modernidade e as relações de afetividade que estabelecemos uns com os outros e com a natureza nos conduzem, cada vez mais, a uma pobre incapacidade de respondermos à crise ambiental instituída na contemporaneidade. Efetivamente, parece-nos necessário, a partir de um movimento filosófico, trazer à baila o pensamento e nos provocarmos a criar outros modos de vida contemporâneos – aqui, especificamente – rachando nossas ações e distanciamentos com a natureza. Nesse sentido, o movimento filosófico se daria à medida que rompêssemos com determinados parâmetros de valores e verdades que nos foram legados e que pouco questionamos. Para isso, mostraremos o quanto os modos de pensar, valorizar, conceituar e se relacionar com a natureza vêm sendo fabricados, bem como modificados na história e na cultura. Ademais, tornar-se-ia

importante compreender que podemos jogar o jogo com outras regras, (re)inventando outros modos de ser e viver o contemporâneo, relacionando-se com a natureza. Para isso, aproximamo-nos de Michel Foucault (2005) para pensarmos esse movimento filosófico. Nas palavras do autor:

É filosofia o movimento pelo qual, não sem esforços, hesitações, sonhos e ilusões, nos separamos daquilo que é adquirido como verdadeiro, e buscamos outras regras do jogo. É filosofia o deslocamento e a transformação dos parâmetros de pensamento, a modificação dos valores recebidos e todo o trabalho que se faz para pensar de outra maneira, para fazer outra coisa, para tornar-se diferente do que se é (FOUCAULT, 2005, p. 305).

Nessa correnteza, o presente artigo tem como objetivo demonstrar a forma como vimos compondo uma conversa entre Música Pampeana, cultura e sociedade com o objetivo de evidenciar o quanto e como a natureza está presente nas músicas analisadas. Assim sendo, para dar conta dessa investigação, analisamos 60 músicas desde a década de 1970 do século passado até a contemporaneidade valendo-nos de algumas ferramentas da Análise do Discurso a partir de Michel Foucault, operando especificamente com os conceitos de discurso, enunciação e enunciado. Entendemos que, a partir da organização do nosso material empírico, constituímos as bases enunciativas que deram visibilidade a um dos enunciados que sustentam a fabricação discursiva de um tipo particular de naturalismo, que intitulamos Naturalismo poético-pampeano<sup>1</sup>. Visto desse modo, o enunciado é apreendido como o eixo central da análise do discurso. Ou seja, é de extrema importância para a condição de existência de um discurso. Assim, Foucault (2012, p. 135) nos diz: “Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva”. Para o autor, o enunciado é a linha que sustenta uma suposta teoria da análise do discurso. Complementando:

O enunciado não é, pois, uma estrutura [...]; é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra

---

<sup>1</sup> O Naturalismo poético-pampeano trata-se de uma formação discursiva de caráter político-subjetivo, articulada por dois enunciados principais: “Beleza natural e cultura gaúcha”, e “O Frio do Pampa”. Tal conceito expressa o espírito de época do final do século XX e começo do século XXI, atravessado por um sentido poético, nostálgico e melancólico que restitui ao sujeito certa sensibilidade sobre o existir e, quiçá, alguma potência de agir.

realizado por sua formulação (oral ou escrita) (FOUCAULT, 2012, p. 105, acréscimo e grifo do autor)

No que se refere as análises musicais, não selecionamos nenhum método específico da seara musical. No entanto, elencamos ferramentas analíticas comuns que foram observadas em todas as músicas colocadas sob exame, como: forma, tonalidade, andamento, harmonia, ritmo, métrica, vozes, contornos melódicos e instrumentação. Podemos dizer que o levantamento desses dados mais objetivos nos deram condições para problematizarmos algumas questões de caráter subjetivo. Ou seja, a partir da recorrência de elementos musicais presentes nas músicas analisadas, foi possível nos provocarmos a pensar, sentir e sermos afetadas por essas canções, no que diz respeito às relações entre a música como um todo (letra e música) e a paisagem natural sulina. As relações de caráter subjetivo que pontuamos foram por entender que elementos musicais nos permitem pensar essa música ora intimista e melancólica, ora nostálgica. Procuramos também observar, nestes arranjos, momentos de tensões musicais. Estes nos possibilitam apreender períodos mais expressivos em algumas passagens, outros com uma maior dramaticidade, e etc.

Mostraremos que as músicas pampeanas nos apresentam uma natureza marcada por um ideal de beleza e romantismo, constituindo, assim, um tipo particular de naturalismo. A fabricação discursiva de um *Naturalismo poético-pampeano* emerge à medida que as músicas acionam os elementos naturais de uma natureza romantizada para discorrerem sobre a paisagem do pampa sulino, enaltecendo as marcas da corrente naturalista no campo da Educação Ambiental (EA). Porém, não se trata da tão consagrada e conhecida corrente da EA que distancia a humanidade da natureza. Esse Naturalismo parece ser particular pela sua articulação e pertencimento do gaúcho com essa paisagem. Essas mesmas músicas são encharcadas de lirismo e poetizam essa natureza na e pela cultura. Como mostraremos a seguir, se no século XVIII o homem era visto como um elemento separado da natureza, aqui (nas músicas pampeanas), o sujeito gaúcho irrompe como pertencente a essa paisagem natural. Diante destas considerações, apresentamos, aqui, um dos enunciados que sustenta a fabricação discursiva desse *Naturalismo poético-pampeano*, intitulado: **Beleza Natural e Cultura Gaúcha**. A partir das músicas analisadas, evidenciamos, nesta pesquisa, que tal enunciado está sustentado diante de uma recorrência de enunciações que anunciam uma vinculação entre os elementos naturais e o sujeito gaúcho. Mostramos, também, que os elementos naturais emergem marcados por

um ideal de beleza e romantismo. Isto é, as enunciações vão fabricando uma Pampa de céu azul, de verdes campos estendidos, de sangas, bem-te-vis, quero-queros e assovios. Além disso, o sujeito gaúcho irrompe também como um elemento natural e cultural na composição dessa paisagem tomada como bela na música em evidência.

Em sua continuidade, pontuamos algumas relações entre a música e a paisagem geográfica e cultural pampeana; demonstramos algumas considerações sobre o Pampa gaúcho e sua cultura; colocamos em suspenso uma visão naturalista e romântica de natureza a partir do século XVIII, juntamente com o material analisado, no intuito de tornar evidente o enunciado em questão. Sendo assim, neste momento convidamos o/a leitor/a a pensar conosco as relações entre a música e a paisagem natural e cultural pampeana.

## As relações entre música e paisagem natural, geográfica e cultural pampeana

Tomamos a música como *corpus* discursivo, por entendermos sua potência na fabricação de verdades e sentidos no mundo em que vivemos. Apreendemos que ela atravessa e é atravessada por um conjunto de questões sociais, políticas, econômicas, culturais, ambientais e geográficas e que, dessa forma, produzem subjetividades humanas. Diante disso, compreendemos que a música se constitui como uma prática cultural potente na (re)produção de discursos que nos interpelam e nos constituem enquanto sujeitos de um determinado tempo social e cultural. Ou seja, ao circularem na cultura, são capazes de potencializar uma produção de sentidos e afetos que, atravessados por relações de poder, vão produzindo significados em nossas vidas, bem como nos constituindo enquanto sujeitos do Pampa gaúcho.

Panitz (2010) apreende a música como um fenômeno artístico capaz de criar representações sociais e espaciais, agindo no e sobre o espaço, reproduzindo-a de um modo particular. De acordo com o autor, podemos entender tal arte como um instrumento potente a nos fazer apreender como constituímos o espaço geográfico e cultural do pampa. Ou seja, como fabricamos, por meio da música, a natureza pampeana, a relação do humano com a paisagem natural dessas terras que representam, muitas vezes, o Rio Grande do Sul. Trazemos a questão geográfica, pontuada por Panitz (2010), por entender que ela contribui significativamente para a constituição dos sujeitos que habitam as terras sul-riograndenses, e que essas representações atravessam e são também atravessadas pela

música dessa região. De acordo com tal colocação, Dos-Santos (2012, p. 56) nos diz que “A canção é uma das formas, aliás, não-forma, que tem expressado ao longo dos anos as paisagens, lugares e cenas do cotidiano. Nesse sentido, a letra da canção pode ser encarada como fonte de representação das pessoas e lugares”. Assim, investigamos como essas músicas pampeanas contribuem para a fabricação de uma natureza sulina e a forma com que o homem se relaciona com essa paisagem natural. Neste artigo, evidenciamos algumas canções que estão intimamente atreladas à cultura do Estado do Rio Grande do Sul, pontuando especificamente as enunciações de natureza e a relação do homem com a paisagem natural. Podemos dizer que, por meio da música, vamos sendo ensinados a olhar a natureza do Pampa gaúcho, assim como os hábitos e costumes do homem com esse cenário natural. Abaixo, colocamos em evidência uma música com enunciações que delineiam a natureza como algo belo e romantizado.

Rio Grande do Sul / O gaúcho quer cantar / A querência e o céu azul /  
Os verdes campos e o mar / E as mulheres que são belas / As calmas  
noites nos rincões / O céu bordado de estrelas / Manto de heróis e  
tradições / Rio Grande do Sul / Dos prados que não tem fim / Por  
maior que sejas Rio Grande / Caberás sempre dentro de mim  
(GOLDMAN, 1970).

Para dar conta dessa investigação, procuramos fazer “um tipo especial de história” e, assim, apreender quais as condições de possibilidade para a emergência da natureza no material colocado em evidência. Nas palavras de Veiga-Neto (2007, p.56, grifos do autor):

[...] trata-se de uma história que tenta descrever uma gênese no tempo. Mas, na busca da gênese, a história genealógica não se interessa em buscar um momento de origem, se entendermos *origem* no seu sentido “duro”, isso é, como uma solenidade de fundação em que “as coisas se encontravam em estado de perfeição”, ou se entendermos como “o lugar da verdade”.

Assim sendo, nosso compromisso enquanto pesquisadoras tratou de explicitar que verdades são essas que nos fazem ler e ver a natureza como algo “belo”, “romântico”, de “céu azul bordado de estrelas”, “campos verdes”, enfim, uma terra que foi e ainda é “o manto de heróis e tradições” (GOLDMAN, 1970). A música em análise é carregada de enunciações que anunciam o Rio Grande do Sul como uma extensa planura de campos verdes, de noites calmas e estreladas. Nessa imensidão de campos, poucos elementos constituem essa paisagem. Podemos perceber que, ao discorrer sobre o Pampa sulino, há

um enaltecimento e um apreço à paisagem natural do Rio Grande do Sul. Os elementos naturais ocupam um lugar de destaque nessa poesia por sua beleza anunciada pelo gaúcho. No que se refere à relação do gaúcho com a natureza, essa canção não apresenta ditos que o coloca como um sujeito superior, destruidor ou dominador dessa paisagem. O gaúcho canta o Rio Grande do Sul como um prado que não tem fim, de mulheres belas e que sempre caberá dentro de si.

No que se refere aos elementos musicais algumas das recorrências encontradas são os ritmos como a milonga, o chamamé, a chimarrita e a canção; as harmonias não são muito rebuscadas; os andamentos são, em sua maioria, moderados; o instrumental bastante representativo do estilo pampeano (violão, acordeom e voz), com algumas exceções, além de poucas modulações. Esses são alguns dos elementos encontrados no material analisado.

Diante dessas considerações, apresentamos a análise da música “Hino ao Rio Grande”, uma canção em tonalidade maior, em compasso quaternário, num andamento moderado. O arranjo é composto por instrumentos típicos do estilo gaúcho, como o violão e o acordeom. Porém, é possível verificar um “empréstimo” de instrumentos da música de concerto, como o naipe das cordas, o que acaba por apresentar um caráter musical mais lírico e expressivo no arranjo.

A canção inicia com um solo de acordeom realizando praticamente a mesma melodia do refrão. A modificação se dá apenas nas notas finais, em que há uma preparação para a entrada da primeira estrofe. A base harmônica é feita por dois violões em acompanhamento arpejado, conduzindo a seguinte harmonia: Lá Maior – Dó# menor – Si menor – Mi maior com 7 – Lá Maior – Mib<sup>9</sup> – Mi Maior. Pode-se observar que a harmonia base do solo termina em um acorde de V grau, causando uma tensão harmônica que é logo resolvida com o primeiro acorde da seção A. Logo em seguida, há a entrada da voz feminina num canto tranquilo e métrico. No transcorrer da parte A, nos espaços de silêncio da voz cantada, um dos violões realiza pequenos solos que funcionam, de certa forma, como ornamentos que parecem conduzir a melodia da voz para o próximo acorde. Esses pequenos “enfeites”, que se repetem também nas outras partes, acabam por apresentar uma leveza na peça como um todo. No final da parte A, acontece um solo de acordeom em graus conjuntos ascendentes, conduzindo a voz e a harmonia para o refrão.

O refrão se configura como um momento expressivo da música. A primeira frase do refrão apresenta exatamente o mesmo texto da primeira frase da estrofe (Rio Grande

do Sul). No entanto, observamos que no refrão a melodia está em registro mais agudo (uma 8ª). Essa tensão melódica provoca uma elevação de sentimento de amor ao Rio Grande do Sul, que está muito mais explícito no refrão do que na estrofe. Enquanto na estrofe há uma descrição do Rio Grande do Sul, no refrão o eu lírico demonstra seu pertencimento e amor: “por maior que tu sejas, Rio Grande, caberás sempre dentro de mim”. É interessante notarmos que o contorno melódico do canto é diferente nessas duas seções. Na parte A, a melodia é relativamente grave e apresenta direcionamentos oscilantes, ou seja, com impulsos ascendentes e descendentes. Em contrapartida, no refrão, a melodia inicia na nota mais aguda e o direcionamento geral é descendente. Ainda assim, parece importante ressaltar que quando o refrão é retomado na parte A’, após a modulação para Si Maior, o destaque da frase “Rio Grande do Sul”, além da relação de pertencimento e amor, apresenta-se como um dos momentos mais expressivos da peça; pois, além da melodia iniciar em registro mais agudo, há uma ênfase provocada pelo naipe das cordas, o que torna a frase mais evidente. Parece haver um chamamento diante da tensão provocada pelo refrão que é capaz de nos tocar e nos provocar, em alguma medida, diante do enaltecimento ao Rio Grande do Sul, articulado a essa sonoridade. Questões como essas são importantes para traçarmos a relação entre letra e música. O que estamos querendo mostrar são elementos musicais que nos permitem problematizar esses aspectos subjetivos que estamos evidenciando na pesquisa.

A música termina com uma profusão de elementos no refrão, com destaque para a voz combinada com o naipe de cordas, constituindo um ponto culminante da peça.

De imediato, podemos dizer que a peça não nos convida à dança. A repetição dos elementos musicais, a harmonia simples, o andamento moderado e uma melodia sem saltos nos indica uma música cíclica, que nos convida parar para ouvi-la. Os elementos rítmicos nos demonstram isso. Logo de início, o andamento nos convida a parar. O aspecto harmônico não tem grandes modulações; os contornos melódicos são construídos dentro da tonalidade, não chamando tanto a atenção para algo específico. A instrumentação não rouba a cena. O lado intimista nos permite contemplar o todo e assimilá-lo com calma. Diante dos elementos musicais descritos é que traçamos essas relações de caráter subjetivo. Há uma articulação da poesia (letra) com a música, que nos permite dizer que esta nos apresenta um caráter mais intimista.

De modo geral, as músicas analisadas neste artigo recorrem em alguns aspectos musicais. Não descreveremos aqui todas as análises musicais. Interessa-nos entender que

esses aspectos musicais nos permitem pensar e sentir uma música mais intimista. A potência na articulação entre o texto e a música (entendendo-se por música os elementos de ritmo, andamento, harmonia simples, contorno melódico e instrumentação) nos deu subsídios para sustentar a força dessas articulações para a constituição do *Naturalismo poético-pampeano*. A seguir, apresentamos outras letras do material analisado.

*Para cantar minha querência / Fiz meu verso mais bonito, / Lhe botei cerne de angico / Pra sustentar minha crença! Para cantar minha querência, / Cantei a simplicidade / E a ilusão da eternidade / Sonhada na descendência. Quando eu canto meu rincão, / Eu encontro a minha vida... Ponta de gado perdida / Na manhã de cerração. Quando canto o meu rincão, / Eu canto as pequenas coisas – O barro das mariposas / E os bois que puxam arrastão! Para cantar meu lugar / Faço versos campo afora / Se o trote faz "cantá" a espora, / Me faz olvidar o penar! Para cantar meu lugar / Falo de força de lida – Corda de couro estendida / No equilíbrio de cinchar / Quando canto meu rincão, / Canto sacando o sombreiro! Do peito não há dinheiro / Que compre um palmo de chão. Canto a estirpe do meu pago / Pendoado de terra e gente; / O pasto solta a semente, / Vinga mais pasto do lado. Eu sou cantor de um lugar / E é esse o meu elemento – A lua tem quatro tempos / E um só jeito de cruzar... Para cantar minha querência – O meu mais belo poema... Que caia na terra buena / Pra florescer minha crença (PEREIRA; CAMARGO, 2009, grifos nossos).*

Na milonga acima, podemos observar a forma como o gaúcho canta a sua terra, o seu rincão. Os elementos naturais enredados aos elementos culturais vão fabricando aquilo que ele chama “sua querência”. Não há uma separação entre os elementos naturais e o gaúcho. Quando canta o seu rincão, numa milonga tranquila, canta as pequenas coisas, a raiz de seu pago – o seu mais belo poema. Quando canta o seu rincão, fala da força de lida, “encontra a sua vida”, constituindo uma paisagem enfeitada de “terra e gente”. Entre os elementos naturais e a poesia, vai se constituindo uma paisagem sulina. Recorrentemente é possível pontuar, nas músicas analisadas, enunciações que nos remetem a uma natureza diferente da corrente naturalista da EA. Ou seja, o homem não emerge como sujeito que apenas contempla e ao mesmo tempo encontra-se fora desse espaço natural. Ele é um sujeito que canta essa natureza e, ao cantar essa paisagem, vai constituindo uma natureza bela. É a partir da recorrência dessas enunciações (e tantas outras nos seus atravessamentos com a cultura) que vai se constituindo esse *Naturalismo poético-pampeano*. Sustentando essa formação discursiva, compreendemos que a emergência do enunciado se torna visível a partir do agrupamento de enunciações que

demarcam uma articulação entre os elementos naturais e o sujeito gaúcho. Ambos vão constituindo a paisagem natural e cultural sulina de forma bela e romântica. Abaixo, outras enunciações.

A evolução é a queimada / Que vem varrendo as lonjuras / E essa ilusão importada / Devora nossa cultura / *Em mim o pago está vivo / É assim a regra do jogo / Sou feito pasto nativo / Que volta depois do fogo / Vão ressecando as paisagens / Nessa querência de outrora / Vem prolongada a estiagem / Nos ventos que vêm de fora / Vou agüentando instintivo / Na sombra da timbaúva / Sou feito pasto nativo / Que volta depois da chuva / Por tudo isso sustento / Meus ideais, minha raça / Não sigo ao sabor do vento com qualquer tempo que faça / Tal um pássaro cativo / Que voa e volta pro lar / Sou feito pasto nativo / Que sempre há de retornar embora o frio e a geada / Que chegam a cada inverno / Me vou por essas canhadas / Teimando em seguir eterno / No meu fogão primitivo / Do rancho quase tapera / Sou feito pasto nativo / Que brota na primavera [...]* (BAUER; MARTINS, 2007, grifos nossos).

A canção nos fala de uma queimada importada e que vem devorando nossa cultura. Paisagens ressecadas, prolongadas estiagens, ventos que vêm de fora e que vão “varrendo as lonjuras”. Aqui, a natureza que se evidencia nos faz ver uma paisagem seca, sem pastos verdes. Porém, no que se refere ao sujeito gaúcho, este irrompe como aquele que tem no pago sua morada, que quer voltar para casa, que tem ideais e raça. O gaúcho ressalta que tem raça e que nesta querência de outrora o pago está vivo. Nesse rancho, quase tapera, ele é feito pasto nativo que brota na primavera sempre depois de um frio e uma geada. Assim, salientamos a constituição de um sujeito que pertence a essa paisagem, um gaúcho que enaltece a sua terra... Um gaúcho que é a natureza! Nos excertos abaixo, apresentamos outras enunciações, a fim de sustentar a fabricação desse *Naturalismo poético-pampeano*.

Sou grito do quero-quero / No alto de uma coxilha / Sou herança das batalhas / Da epopeia farroupilha / Sou rangido de carreta / Atravessando picadas / Sou o próprio carreteiro / Era boi, era boiada [...] *Sou a cor verde do pampa / Nas manhãs de primavera / Sou cacimba de água pura / Nos fundos de uma tapera / Sou lua, sou céu, sou terra / Sou planta que alguém plantou / Sou a própria natureza / Que o patrão velho criou / Era era boi Brasino / Era era boi Pitanga / Boi Fumaça, Jaguaré / Olha a canga [...]* (SILVA, 1981, grifos nossos).

Guardiãs de pátria, *memorial* dos ancestrais / Onde trevais nascem junto ao pasto verde / Sangas *correndo*, açudes e mananciais / Pra o ano inteiro o gaderio matar a sede / Grotas canhadas e o poncho do macegal / Para o rebanho se abrigar nas invernias / Varzedo grande

pra o retoço da potrada / Mostrar o viço e o valor das sesmarias / Sombras fechadas de imponentes paraísos / Onde resojam pingos de lombo lavado / Que após a lida até parecem esculturas / Moldando a frente do galpão, templo sagrado / Pras madrugadas, mate gordo bem cevado / Canto de galo que acordou pedindo vasa / Cheiro de flores, açucena, maçonilha / E um costilhar de novilha pingando graxa nas brasas / Pra os queixos crus, os bocais dos domadores / Freios de mola pra escramuçar bem domados / E pra os turunos ressabiados de porteira / O doze braças, mangueirão dos descampados / Pra os chuvisqueiros galopeados de minuano / Um campomar castelhano e o aba larga desabado / Pra o sol a pino dos mormaços de janeiro / Um palita avestruzeiro e o bilontra bem tapeado / Pras nazarenas, garrão forte e égua aporreada / Pras paleteadas o sepilhado de coxilha / Pra o progresso do Rio Grande estas estâncias / Mescla palácio com mangrulho farroupilha (VIEIRA, 1999, grifos nossos).

Eram arroios, eram matos e enchentes / Era alambrado, "sete fios", divisa e linha / Um casarão de portas grandes para o leste / E uma história de ancestrais que era minha. / Era a cuscada retoçando frente às casas / E um palanque pra potrada se amansar / Era uma várzea a se perder compondo a vista / Aonde tropas vicejavam pra engordar. / Eram esporas, era um mango e um chapéu / Um lenço rubro uma guaiaca e um par de botas, / Uma bombacha já puída dos invernos / E tantas coisas que por simples nem se notam. / Eram irmãos na cevadura de uns amargos / Num jeito bueno pela prosa de galpão / *Era rebanho, era gado e a cavahada, / Pela internada que hoje é terra em plantação. / Eram gaúchos bem montados indo embora levando o verde e nos seus olhos banhada* / Foi a incerteza "de a cabresto" em trajetória / E a minha história que eu não sei qual o final. Era um tempo que se foi pela ansiedade / Deixando o campo assim perder a sua essência / Ficaram sonhos de um gaúcho já sem viço / Por saber que tudo isso aconteceu na minha querência! (TEIXEIRA; CAMINHA, 2013, grifos nossos).

As letras apresentadas nos salientam elementos muito comuns ao homem do campo e que contribuem para a constituição da paisagem natural dessas terras. A primeira canção, "Me comparando ao Rio Grande", nos fala do quero-quero, da boiada, das coxilhas, do "rangido das carretas e a cor verde do pampa". Ditos assim vão descrevendo a natureza pampeana – o verde dos campos, a primavera, a terra e o céu azul vão constituindo a natureza, muitas vezes apenas associada ao que é "verde", "natural". No entanto, além de discorrer sobre os elementos naturais, as enunciações nos evidenciam um sujeito que se sente pertencente a essa paisagem natural, ou como diz a letra: *o homem é o verde do pampa, é a terra, é a lua, é a água: é a própria natureza!*

Muitas músicas pampeanas têm a peculiaridade de retratar temas como esses em suas letras. O amor pela terra, a imensidão dos campos, o verde a se estender imenso e

plano em contraste com o azul do céu, os rios, os animais como o cavalo e o gado. Além disso, é evidente a forma como o gaúcho irrompe nessas canções – ele é, também, um elemento na composição dessa paisagem. Há uma articulação potente do sujeito gaúcho e dos elementos naturais que aqui se encontram evidenciadas. Nesse sentido, compreendemos que a fabricação discursiva desse *Naturalismo poético-pampeano* se torna possível ante um novo elemento que nos parece fundamental para a constituição da natureza, o gaúcho. Talvez, se trate de uma outra conceituação de natureza que não é mais apenas formada pelos elementos naturais. Mas é, também, o próprio homem, o gaúcho, que pertence a essa natureza. Ou seja, o enunciado em suspenso nos evidencia poeticamente uma articulação entre cultura e natureza.

No segundo excerto, na música “Estância da Fronteira”, pontuamos enunciações de uma natureza bela e de amor à terra. Como podemos observar, a letra faz referência a elementos ditos naturais da natureza, como os rios, as sangas, os açudes, o vento, o campo, as flores, o verde, as coxilhas, o calor, o frio e a geada. São enunciações como essas que nos constituem e, ao mesmo tempo, nos fazem ler a natureza de uma forma naturalizada na e pela cultura.

A terceira canção fala de um Pampa que vem perdendo a sua essência de campos nativos, das invernadas para as plantações. Dessa maneira, a relação que se estabelece entre a paisagem dos campos com o gaúcho fica na memória desses sujeitos. Diante de tais modificações, o gaúcho vai perdendo seu espaço no campo, na lida com os animais. A letra discorre sobre os elementos e as relações que se estabeleciam entre o campo e o homem. Ou seja, eram os campos, os arroios, os matos, os alambrados, a várzea grande a se perder de vista. É, ainda, a história dos ancestrais guardada nos casarões, ficando apenas uma saudosa lembrança de “como era e o que aconteceu” em sua terra.

Assim sendo, entendemos que as enunciações salientadas por nós neste estudo nos dão subsídios para pensarmos na fabricação discursiva desse *Naturalismo poético-pampeano* através da música; pois, como nos diz a letra: pasto verde, sangas e açudes, um “campomar” para garantir o bem estar do gado; “grotas canhadas e o macegal” abrigam os animais no inverno gelado do Pampa; “varzedo grande, sombras fechadas”; enfim – um imponente paraíso, o templo sagrado do gaúcho, onde “os chuveiros galopeados de minuano” fazem parte da vida campeira nas estâncias que tanto orgulham o homem farroupilha. Além disso, as enunciações sinalizam uma relação peculiar do sujeito gaúcho aos elementos naturais. Ao se sentir um elemento que também pertence à natureza, o

gaúcho enaltece uma relação de cuidado e afeto a essa paisagem. É o amor à terra, é a imensidão dos campos verdes, é gaúcho, é o galpão - seu templo sagrado, é a relação com os animais, é a invernada, que hoje é terra em plantação, é a nostalgia de um gaúcho que tem, nos olhos, o verde e o banhadal.

É a partir desses ditos que compreendemos que a música vai fabricando a paisagem natural do Pampa como uma aquarela que representa uma natureza bela e romântica, instaurada em nossa história por meio da cultura. Ou seja, essa naturalização da natureza, tão enaltizada na música colocada sob análise, nos faz reconhecer no pampa uma natureza romântica que constitui a paisagem natural e cultural pampeana. Ou seja, numa relação intrínseca entre cultura e natureza.

A proposta de investigar as enunciações de natureza descritas em tantas letras de músicas pampeanas se deu no intuito de problematizarmos a forma como vem sendo narrada a paisagem natural e cultural do pampa gaúcho. Apreendemos a música como um instrumento potente na produção de modos de ler e ver a natureza. Além disso, a música produz sentidos que, de alguma maneira, constroem subjetividades humanas.

Na continuidade, evidenciamos os diferentes olhares para a natureza na história e na cultura ao pontuar, especificamente, essas visões a partir do naturalismo e do romantismo do século XVIII, ao lado da corrente naturalista no campo de saber da EA. Também, apresentamos outras enunciações analisadas para a fabricação e sustentação do *Naturalismo poético-pampeano*.

## Olhares sobre a natureza

É um manancial de alegria / A inspiração que extravasa / Quando a gente dá “ô de casa” / Pra escutar um “Buenos dias” / Cincerros de melodias / Depois tudo se entrevera / Num soluço de beleza / Pra saudar a natureza / Vestida de Primavera / É o quadro vivo mais lindo / Que enternecido contemplo [...] O lindo capim mimoso / Prossegue o rodízio eterno / De se queimar no inverno / Pra renascer mais viçoso no ciclo maravilhoso / Da tábua das estações / [...] Na melodia campeira / Que se faz cancha no espaço / Como marcando o compasso / Junto ao sabiá-laranjeira / Há tanta autenticidade / Nas vozes da natureza / Que resumem a beleza / Da própria simplicidade / [...] O bordoneio da sanga / Mas não só nos descampados / A Primavera incendeia / Ela se enfeita e passeia / Nas vilas e nos povoados / Nos ambientes asfaltados / Cidades e capitais / Pombas, bem-te-vis, pardais em melodiosos arrulhos / Repetem doces barulhos / De tempos imemoriais / O domínio absoluto / Que tem da gente e do mundo / E o homem defronte a isso / Até parece impossível / Vai se tornando insensível / Por força de algum feitiço /

É um criminoso, um omissor / Da forma mais inconsciente / Gente que já não é gente buscando outra trajetória / Depois da triste vitória / De matar o meio ambiente [...] (Payada Das Primavera - Jayme Caetano Braun, 1994).

O trecho da música referenciado acima – e outros tantos já trazidos neste texto – nos apresentam mais uma vez uma visão naturalista e romântica de natureza. Porém, nessa payada, há um outro olhar para o homem na sua relação com a natureza. Aqui, o compositor nos evidencia uma visão antropocêntrica, na qual o homem emerge como o principal destruidor da natureza e do meio ambiente. Parece haver um princípio de descontinuidade nessa produção discursiva. Para Foucault (2011), as práticas discursivas são descontínuas – por vezes se cruzam, por vezes se ignoram. É o que autor chama de acontecimento. Ou seja, são “cesuras que rompem o instante e dispersam o sujeito em uma pluralidade de posições e de funções” (FOUCAULT, 2011a, p. 58). Diferentemente da história tradicional e linear, não buscamos traçar aqui uma linha de pensamento única e ininterrupta. Regularidade, causalidade, descontinuidade, dependência, transformação são elementos importantes para problematizarmos a produção de discursos articulados com o pensamento de Michel Foucault. Assim, salientamos que não há um único sujeito gaúcho, uma única posição de sujeito assumida por ele e nem mesmo um único discurso de natureza. Na payada acima, é possível pontuar ditos que evidenciam um sujeito que aprecia a beleza dessa natureza, bem como a destrói.

Somos constituídos por um discurso naturalista e romântico de natureza que se instalou em nossa sociedade, principalmente a partir do século XVIII, com o movimento da virada cultural e reforçado pelo movimento romântico do século XIX. Mas não foi sempre assim! Segundo Guimarães (2008, p. 88), “[...] há uma multiplicidade de formas de ver, narrar e se relacionar com a natureza”. Para o autor, essas diferentes visões são dadas a partir da história e da cultura na qual estamos inseridos. Se adentrarmos na história do mundo ocidental, veremos as diferentes formas pelas quais a natureza vem sendo contada e significada na cultura, desde as grandes navegações dos séculos XV e XVI: ora uma natureza paradisíaca, exuberante; ora uma natureza selvagem, temida. Foi com o projeto civilizatório, em contraposição ao protótipo medieval, que a natureza passou a ser vista como o período das trevas, do inculto. Os ambientes considerados como “naturais”, ou seja, matas, florestas e montanhas, não condiziam com a ideia de progresso que inaugurava a virada cultural da modernidade.

Porém, no século XVIII, com o fenômeno denominado de *novas sensibilidades*, a natureza passou a ser vista como boa e bela, quando as paisagens naturais passaram a ser valorizadas e apreciadas pelo homem. Keith Thomas (2010, p. 246) nos diz que “O século XVIII é rico nessas novas sensibilidades”. Salaria o autor que, já em fins do século XVII, todos os seres vivos criados por Deus deveriam ser tratados com respeito, sem que danos lhes fossem causados desnecessariamente. O sofrimento dos animais, mesmo aqueles tidos como mais detestáveis, passou a sensibilizar o homem, pois, além de apresentarem qualidades em comum, eram também criaturas de Deus. Nas palavras do autor,

Tratava-se de uma abordagem nova e totalmente leiga. Agora se tornava possível condenar a crueldade para com os animais sem invocar as intecões de Deus. Os maus-tratos aos bichos eram condenados com base no argumento, puramente utilitário, de que diminuíam sua felicidade. Os animais tinham sentimentos e tais sentimentos deveriam ser respeitados. Saber se os animais tinham razão era irrelevante. Afinal [...], se a piedade devia ser reservada apenas aos portadores de razão, então “perderiam o direito à nossa compaixão os que dela tem maior necessidade, notadamente as crianças, os idiotas e os lunáticos”. Tampouco era necessário provar que os animas tenham alma, pois, se não a tivessem, então a falta de recompensa futura constituiria o maior argumento para serem bem tratados neste mundo (THOMAS, 2010, p. 250-251, grifos do autor).

Queremos com isso evidenciar o quanto as relações que estabelecemos uns com outros, com os animais – e talvez possamos pensar com a natureza, de um modo mais amplo – atravessam e são atravessados pelas questões históricas e culturais. Torna-se importante problematizarmos as formas como vimos constituindo os conceitos e os significados que nos produzem e que, muitas vezes, conduzem nossos modos de ser e pensar. Como nos diz Foucault (1995, p.232), “Temos que conhecer as condições históricas que motivam nossa conceituação”.

Esse apreço à natureza, marcado pela valorização da paisagem natural, nos faz perceber tal espaço como algo “sagrado”, isto é, que deve estar fora do domínio do homem. Nas palavras de Soares (2003, p. 21):

O final do século XVIII marca, de um modo mais acentuado, uma mudança de sensibilidade no que concerne à natureza. O domínio absoluto e violento do homem sobre o mundo natural lentamente cede espaço para outras compreensões e atitudes e uma nova devoção semi-religiosa perante a natureza selvagem. Instala-se, sobretudo, entre aqueles que não dependem ou não necessitam da

terra para prover suas necessidades mais imediatas. Firma-se uma compreensão na qual a natureza é bela, mas, sobretudo, benéfica, e exerce um saudável poder espiritual sobre o homem.

Podemos dizer, também, que esse culto à natureza foi ainda mais realçado com a emergência do movimento romântico no final do século XVIII e início do século XIX, que buscava ilustrar o lirismo e o sonho de um cenário devastado pela Revolução Industrial. Nessa sociedade capitalista que se materializava com a ideia de revolução e de desenvolvimento (diferentemente do pensamento pré-moderno que visava à reconciliação do homem com o mundo natural), o homem campeava o domínio da natureza. Ou seja, desenhava a paisagem natural como uma “máquina perfeita” que deveria prover matérias-primas e mercadorias diante das demandas do mundo que emergia naquele tempo histórico e cultural (CARVALHO, 2013, p. 51). Em consonância com essas colocações, Isabel Carvalho ressalta que “A indústria nascente chegou triunfante, trazendo, contudo, sua inexorável contraface: a degradação ambiental e a exploração da força de trabalho” (2011, p. 97). De acordo com a autora, as mudanças no olhar para natureza estão inextricavelmente associadas aos efeitos de deterioração provocados pela Revolução Industrial. O olhar romântico voltado para a natureza e a ideia de uma natureza que se perdia em decorrência da crescente urbanização e conseqüente desaparecimento de um mundo camponês podem ser pensadas como algumas das condições de possibilidade para mudanças na relação entre homem e natureza. De acordo com Pereira e Favero (2014), o romantismo que emerge no século XIX está estreitamente relacionado a um sentimento de deslocamento e perda de uma natureza que passara a ser ameaçada e que necessitava ser preservada ante uma sociedade em constante desenvolvimento tecnológico.

O século de XVIII é tido como um marcador na história ocidental. A percepção de um novo olhar para o mundo natural está (também) associada às mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais pelas quais a sociedade estava atravessando. O Romantismo, enquanto movimento cultural, estético, artístico, político, literário e filosófico está comumente associado a tais mudanças diante das implicações suscitadas pela revolução burguesa e a revolução industrial. Para Isabel Carvalho, “O século XVIII testemunhou a radicalização da ordem burguesa e de seu almejado *domínio humano* sobre o ambiente, materializado nos progressos técnicos que tornaram possível a experiência da primeira Revolução Industrial” (CARVALHO, 2011, p. 97, grifo da autora).

No entanto, torna-se importante destacar que essa é uma das condições de possibilidade para a emergência de tal movimento, assim como uma de suas características. De acordo com Ribeiro (2010), o Romantismo, enquanto movimento cultural e estético, passou a agregar formas de sensibilidades que despertaram a subjetividade, o eu, a alma, etc. Ou seja, tal movimento contrapunha-se a uma visão de mundo racionalista que marcou o período neoclássico. Se o século XVIII foi marcado pelas ideias iluministas, pela razão e pela objetividade, o romantismo de fins do século XVIII e início do século XIX teria uma acentuada valorização da alma, da subjetividade, do lirismo, do eu. O movimento romântico tem como características a subjetividade, a individualidade, a liberdade de criação, o idealismo, a valorização da natureza e o sentimentalismo.

Assim, dentre as diferentes propostas que constituíam tal movimento, está a busca pela valorização da natureza a fim de se estabelecer uma relação de consonância entre o homem e o mundo natural. Na mesma linha de pensamento, França (2012, p.5) ressalta que “No contexto do Romantismo alemão de fins do século XVIII e início do século XIX, percebemos a predominância do pensar a natureza enquanto uma unidade que englobaria também o homem, em que dessa unidade formaria um todo indivisível”.

Diante dessas colocações, podemos evidenciar o quanto o ideal que temos de natureza é construído culturalmente. Na mesma correnteza, Carvalho (2011) ressalta que a forma de existir e conviver no mundo contemporâneo, além da relação que tecemos com a natureza, perpassa pelo entendimento de uma história de longa duração das relações com a paisagem natural. No século XVIII, por exemplo, em outro momento histórico, político, social e cultural, a sociedade da época presenciou a chegada da primeira Revolução Industrial e, diante disso, uma grande mudança em seu ambiente natural trazida pelo desenvolvimento.

No final do século XVIII, a Grã-Bretanha liderava a produção de carvão, alcançando cerca de 10 milhões de toneladas, o equivalente a 90% da produção mundial. O uso crescente do carvão – principal combustível da Revolução Industrial – para fins comerciais e domésticos gerava enorme quantidade de resíduos. O *smog* inglês (mistura de nevoeiro e fumaça) tornou-se a marca registrada das grandes transformações sociais e ambientais desencadeadas pelo modo de produção industrial (CARVALHO, 2011, p. 98, acréscimo da autora).

A experiência vivida naquele período contribuiu significativamente à época para uma mudança na forma de olhar a natureza: esta era vista como o “domínio do selvagem”, como “esteticamente desagradável”. De acordo com essa concepção, o homem deveria dominá-la. No entanto, com a mudança devido às novas sensibilidades ante a paisagem natural, a natureza passou a ser percebida como uma paisagem natural que necessitaria ser respeitada. Podemos dizer que o momento social, político, cultural e ambiental vivido no século XVIII, na Inglaterra, pode ter sido uma das condições de possibilidade para a emergência de uma visão naturalista e romântica de natureza, como vimos evidenciando.

Pensando o campo de saber da EA, temos a ideia de uma natureza que deve estar fora do alcance humano, uma natureza constituída de flora e fauna. Essa concepção de mundo natural está fortemente assentada numa das bases de pensamento da EA: a visão naturalista! Os conceitos basilares dessa ideia de natureza tendem a ver a paisagem natural como um espaço estritamente da ordem biológica e, principalmente, independente de interação humana e cultural. Essa concepção se encontra num terreno marcado por visão que apreende a presença do homem como nefasta para a “ordem” de um mundo natural. Diante disso, Isabel Carvalho (2011) nos convida a desnaturalizar conceitos estabelecidos em nossa sociedade; conceitos ainda deveras vigorantes na contemporaneidade. A visão naturalista:

[...] baseia-se principalmente na percepção da natureza como fenômeno estritamente biológico, autônomo, alimentando a ideia de que há um mundo natural constituído em oposição ao mundo humano. A “natureza do naturalismo” é aquilo que deveria permanecer fora do alcance do ser humano. Tal visão tem expressão, por exemplo, nas orientações conservacionistas, que se dedicam a proteger a natureza das interferências humanas, entendidas sempre como ameaçadoras à integridade daquela (CARVALHO, 2011 p. 35-36, grifos da autora).

É fundamental que questionemos a ideia que temos de natureza, entendendo que ela não é um reflexo do mundo natural, embora esse ideal, que tende a ver a natureza como o mundo da ordem biológica, seja recorrentemente reforçado por artefatos que circulam na cultura. Torna-se importante ressaltar, também, que EA emerge em um terreno assinalado por uma visão naturalista de natureza; visão ainda fortemente instaurada em nossos ideários do que convencionamos chamar de natureza. Na visão naturalista, a natureza em sua “essência” é boa, equilibrada e autônoma nas suas interações humanas e culturais (CARVALHO, 2011). A autora ainda ressalta que

A consequência de uma visão predominantemente naturalista-conservacionista é a redução do meio ambiente a apenas uma de suas dimensões, desprezando a riqueza da permanente interação entre a natureza e a cultura humana. O caráter histórico e sempre dinâmico das relações humanas e da cultura com o meio ambiente está fora desse horizonte de compreensão, o que impede, conseqüentemente, que se vislumbrem outras soluções para o problema ambiental (CARVALHO, 2011, p. 37-38).

Então, isso nos faz pensar que uma das grandes tensões dos problemas ambientais vivenciados pela humanidade neste século XXI estaria articulada a essas visões reducionistas que temos de natureza. Problematizar a importância de uma interação entre cultura e natureza perpassa pelo entendimento de que questões como essas estão atreladas ao contexto histórico e cultural de nossa sociedade. Ou seja, “trata-se de reconhecer que, para apreender a problemática ambiental, é necessária uma visão complexa de meio ambiente, em que a natureza integra uma rede de relações não apenas naturais, mas também sociais e culturais”, como nos orienta Carvalho (2011, p. 38). Ainda assim, salientamos a importância de voltarmos nosso olhar para a natureza, pois esta “cada vez é mais filmada, fotografada, descrita e falada em todos os lugares” e, dessa forma, vamos sendo ensinados a olhar, ver e falar sobre a natureza (OLIVEIRA e ARAÚJO, 2012, p.126).

A música pampeana se apresenta como um espaço importante para discorrermos sobre as diferentes produções discursivas em torno da natureza, pois, como vimos mostrando, muitas canções colocam em evidência elementos que nos remetem a uma natureza bela e romântica, e que “embelezam” o pampa gaúcho. Seguindo essa linha argumentativa, evidenciamos a importância da cultura na fabricação de discursos e verdades que nos constituem e nos fazem ver e falar do mundo de determinadas formas. Somos ensinados por meio da cultura a perceber um mundo e se expressar nele. Nas palavras de Oliveira e Araújo (2012, p. 127), ressaltamos que é importante “[...] mapear essas novas linguagens disponibilizadas para falar da natureza, dos e para os seus sujeitos”. O ideal que temos de natureza e que é reverberado pela mídia, por meio de diferentes artefatos culturais, vão nos subjetivando e nos orientando a determinadas formas de ser e estar no mundo. Ainda, para os autores:

Modos de perceber, ver, ouvir, ler e aprender, modos de expressão, de textualidade e de escritura, que recortam as possibilidades do

espaço e do tempo, determinando formas de vida em dissonância ou em reunião com outras formas de cultura. A escrita da natureza, em nossos tempos atuais, só pode ser compreendida como registro de luminosidade daquilo que é mais dito sobre ela, e tem tornado visível (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2012, p. 127).

Pensando a atualidade, o que fizemos neste estudo foi problematizar o entendimento que hoje temos de natureza, principalmente no que se refere à região pampeana, alocada especificamente no Rio Grande do Sul. Ficou evidente a forma como vai se configurando a natureza pampeana. Temos imensas planícies verdes, céu azul, sol no horizonte, sangas, quero-queros, cavalos, entre outros elementos tidos como naturais. No entanto, outro ponto fundamental compõe essa natureza: o gaúcho. Este emerge nessa paisagem, como sendo “a própria natureza” (SILVA, 1981). Ele não apenas faz parte, mas é elemento imiscuído, emaranhado, pertencente à natureza pampeana.

Na região do Pampa, Fante (2012) ressalta que as grandes extensões de monocultura na região pampeana vêm trazendo grandes prejuízos aos trabalhadores rurais no que diz respeito às questões de desemprego e danos à saúde, provocados pelo uso de agrotóxicos. Além disso, a substituição de campos nativos por extensas plantações de árvores, como o eucalipto, vem acarretando também nas mudanças relativas a questões culturais, em decorrência das modificações das paisagens naturais.

Diante das problemáticas sociais, políticas, culturais e ambientais pelas quais estamos sendo atravessados, torna-se importante problematizarmos questões como essas, vigentes na atualidade, as quais muitas vezes são dadas como conhecidas, desbravadas e dominadas por nós. As verdades nos atravessam e nos fazem olhar para o mundo de determinadas formas. Como nos diz a música *Céu, Sol, Sul, Terra e Cor*, “[...] *Fazer versos cantando as belezas desta natureza sem par / E mostrar para quem quiser ver, um lugar pra viver sem chorar [...] este é o Pampa, este é o meu Rio Grande do Sul*”. São narrativas como essas e tantas outras que descrevem o Pampa: coxilhas, pés roseteados de campos, terra e cor, enfim, uma natureza sem par! Esta pesquisa foi sendo tramada colocando essas verdades, descritas em letras de música, sob análise, percebendo o que é o Pampa e como se dá a relação dos sujeitos com as paisagens naturais ao longo da história. O exemplo referenciado acima nos reporta a ideia de que a natureza no Rio Grande do Sul se apresenta promissora ao cultivo. Além de bela, aqui no Pampa gaúcho tudo que se planta cresce. Diante disso, questionamos: há uma única forma de olharmos para o mundo, para o meio em que vivemos e para a natureza?

Ao discorrer sobre a importância da cultura e as multiplicidades de vermos, narrarmos e relacionarmos-nos com a natureza, Guimarães (2008, p. 88) ressalta que

[...] é na cultura, nesse espaço de circulação e de compartilhamento de significados, que vamos aprendendo a lidar com a natureza e, também, vamos estabelecendo nosso lugar no mundo, ou seja, sabendo quem nos tornamos dia a dia. Essa nossa inserção na cultura, no momento histórico em que vivemos nos faz ver e estabelecer relações com a natureza de determinadas formas. Nesta direção, podemos nos perguntar: há uma única maneira de narrar, ler e ver a natureza?

Ao colocar em circulação enunciações referentes à natureza e a forma como nos relacionamos com o mundo natural, vamos nos constituindo e determinando nossas ações cotidianas. Seguindo na correnteza desses ditos, apresentamos, abaixo, outras enunciações que sustentam a produção discursiva desse *Naturalismo poético-pampeano*.

Meus silêncios são de terra / Meus cavalos são de campo / E a morte que sabe tanto / Um dia, há de apartá-los / Pela intenção dos cavalos eu renasço todo o dia / Quando a vida se anuncia / No canto largo dos galos / Minhas razões são de terra / Para cantar campo e gente / Tenho cismas de enchente / Murmúrios de sanga rasa. Quando a palavra extravasa / Se afirma em seu conteúdo: Se for preciso, diz tudo / Depois, retorna pras casas / Meus gateados são de terra / Beberam a cor do açude / Talvez, o tempo não mude / O quanto me faz querê-los / Mesmo sangue, mesmo pelo / E uma razão ancestral / De, entre o bem e o mal / Ter a alma por sinuelo / Minhas visões são de terra / Que fecho os olhos pra vê-las / Tenho lumes de estrelas / Guardados, pra noite escura / Me batizei nas lonjuras / Pra entender que preciso ser, bem mais do que diviso / Entre o querer e a procura / Meus arreios são de terra / Qual o banco que me sento / Onde o estrivo é o sustento / A um par de botas surradas / "Tenho muito e tenho nada" / De tanto que fui verdade / E andei povoando a saudade / Quando provei as estradas / Meus escritos são de terra / Aquerenciados no peito / Ressurgidos pelo feito / De serem da mesma casta / Tenho a mirada tão vasta / Pelo chapéu, pelo freio / E assim, quando me apeio / Sou terra e isto me basta (TEIXEIRA; CAMARGO; OLIVEIRA, 2013).

Tem sentimento dos matos e a alma presa ao formão / Quem retrata este chão num tronco de vida inteira / Moldando tantos gateados, cenas de tempo e querência / É o campo mostrando a essência, entalhado na madeira. Tem goela gasta de poeira tocando a tropa de antes / Nas rondas que por distantes, renascem numa toada / O cantador que desenha seu mundo em voz de guitarra / É bem igual a cigarra, morre cantando na estrada. Por tantas cenas de campo que cada artista dá vida / Que são retratos da lida, do sul e seu universo /

Mal sabe quem fogoneia, num rancho lá na campanha / Que tem riqueza tamanha que até nem cabe em meu verso. Tem a magia nos dedos e o coração num papel / Um lápis que é um sovêu para um armadão debochado / E se a imagem vem viva num pealo de sobre-lombo / A folha treme num tombo se um outro for de bolcado. Tem a clareza no verso em tudo que ele retrata / Num talareio de prata, "inté" se escuta o tropel / De um varzedo florescendo, exala doce um perfume / É que um poeta traz lume ao mais escuro do céu (CORREA; CASALINHO, 2012).

Essas duas músicas em análises potencializam o que vimos evidenciando, a fabricação discursiva de um tipo particular de Naturalismo. O *Naturalismo poético-pampeano* emerge à medida que tais músicas analisadas acionam alguns elementos da corrente naturalista e uma visão romantizada de natureza, bem como uma articulação do sujeito com a paisagem natural. Se para o naturalismo do século XVIII o homem era tido como separado e nefasto a essa natureza, aqui ele irrompe como pertencente. É possível, ainda, dizer que essa articulação entre homem e natureza é importante para sua própria fabricação enquanto um sujeito cultural que tem na sua compleição as marcas do pampa, do campo, de amor à terra e à lida do dia a dia no lombo de um cavalo. Os poetas, como assinala a música acima, mostram que essa *essência do campo renasce em uma toada – é um varzedo que floresce exalando um doce perfume!* E, ainda, essas músicas são retratos da lida, do sul e do universo (CORREA; CASALINHO, 2012). As enunciações em análises se enredam, muitas vezes, ao falar da paisagem pampeana. Ou seja, as questões naturais e culturais aparecem de forma inerente. As *cenar desta querência*, evidenciadas nas músicas, são encharcadas de ditos que nos provocam a pensar numa articulação entre homem e natureza. Assim, ressaltam: *Meus silêncios são da terra, meus cavalos são do campo – pela intenção dos cavalos o gaúcho renasce todo dia, quando a vida se anuncia no canto largo dos galos [...] o gaúcho é terra e isso lhe basta!* É sentimento e alma que, com a poesia, vão retratando este chão num tronco de vida inteira... Esse sujeito gaúcho e poeta é, juntamente com os cavalos e as cigarras que morrem cantando tal qual um guitarrero dos pampas, a paisagem natural sulina.

No material analisado, há uma recorrência de enunciações que sinalizam a articulação e o pertencimento do gaúcho à natureza. Assim, diante de tais produções discursivas, constituindo e fabricando modos de ser neste mundo, entendemos que tal prática cultural coloca em funcionamento uma operação de poder.

[...] numa sociedade como a nossa [...] múltiplas relações de poder perpassam, caracterizam, constituem o corpo social; elas não podem dissociar-se, nem estabelecer-se, nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação, um funcionamento do discurso verdadeiro. Não há exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcionam nesse poder, a partir e através dele. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercer o poder mediante a produção da verdade (FOUCAULT, 2010, p. 22).

Nossa perspectiva com este estudo é suscitar o pensamento por meio da música, provocando novas discussões acerca de questões pouco problematizadas por nós. Ou seja, precisamos levar em consideração as diferentes possibilidades de leituras da natureza que vêm sendo fabricadas por meio da cultura. Como salienta Guimarães (2008, p. 99), “[...] que possamos nos instaurar nas fissuras da Educação Ambiental, pensando políticas que possam nos remeter a construção de coletivos de natureza e culturas não permeados”. Talvez Foucault nos ajude a entender essas fabricações de verdades que vão constituindo modos de ser, viver e se relacionar no mundo. Por isso, olhamos para a música como uma prática cultural potente a nos fazer pensar os modos de relação que o gaúcho institui com a paisagem natural sulina, entendendo que as discussões em torno das leituras de natureza atravessam as fronteiras de conceitos já estabelecidos.

## Considerações Finais

Pensar a natureza pampeana e o modo como o sujeito gaúcho se relaciona com a paisagem natural na contemporaneidade implica apreender as condições sociais, políticas, ambientais e culturais que deram possibilidade para a emergência dessa relação entre homem e natureza de forma tão romantizada. Foi preciso olhar para a história, para a filosofia, para as artes e, assim, apreender as diferentes formas de constituir e significar a natureza na história e na cultura ocidental.

Podemos dizer que o entendimento e a percepção do que convencionamos chamar de natureza vai modificando-se nos mais diversos espaços e tempos da cultura ocidental. Contudo, não pretendemos desenhar uma linha do tempo para “revelar” o que é natureza, tampouco procurar uma origem das relações entre ela, homem e cultura.

Nossa proposta foi de provocar o pensamento, de balançar as nossas bases mais sólidas no que se refere à produção de significados que aos nos atravessarem nos educam ambientalmente e nos constituem como sujeitos desse mundo. O que vimos pontuando ao longo deste artigo tem como fim demonstrar o quanto as músicas analisadas evidenciam

algumas marcas do romantismo, além de uma visão naturalista de natureza. Assim, ao ressaltar a natureza pampeana, tais canções destacam as noções que constituem os elementos tidos como naturais, ou seja, os rios, os campos verdes, o sol, o frio, o calor, os animais como o cavalo, o gado e o cachorro (seu fiel companheiro). Porém, quando as mesmas músicas cantam uma natureza naturalista, o homem, o gaúcho não é apresentado como o outro nesse espaço natural, mas sim como um artifício pertencente à própria composição dessa paisagem natural. Ou seja, ele é a natureza! Importante destacar que essa relação e esse mútuo pertencimento são carregados de lirismo, de idealizações que vêm ao longo da história e da cultura sul-riograndense constituindo o sujeito gaúcho. Foi a partir da recorrência dessas enunciações que foi possível serem destacadas algumas marcas do movimento romântico, principalmente quando as músicas exaltam a paisagem natural, a valentia, a heroicidade de um gaúcho guerreiro, acompanhadas de lirismo na composição desse quadro, que é o pampa gaúcho, a natureza pampeana.

## Referências

- BAUER, Rodrigo; MARTINS, Joca. Sou feito pasto nativo. Intérprete: Joca Martins. In: **3ª Bicuira da canção Nativa** – Rio Grande – RS, 2007.
- BRAUN, Jayme Caetano. Payada das Primaveras. Intérprete. Jayme Caetano Braun. In: JAYME CAETANO BRAUN. **Paisagens perdidas**. Brasil: Acit, 1994. 1 CD. Faixa 2.
- CARVALHO, Isabel. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- CARVALHO, Marcos B. de. **O que é natureza**. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- DOS-SANTOS, José Daniel Telles. **Lúcio Yanel e o Violão Pampeano: memória(s), história(s) e identidade(s) de um fazer musical no sul do Brasil**. Isabel Porto Nogueira. 305 p. (Dissertação)m Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. (Mestrado em Memória e Patrimônio), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.
- FANTE, Eliege Maria. **As representações sociais sobre o bioma pampa no Jornalismo de referência sul-rio-grandense**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2012.
- FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. Apêndice da 2ª edição. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In: Dreyfus, Hubert e Rabinow Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos II**. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

\_\_\_\_\_. Diálogo sobre o poder. In: **Ditos & Escritos IV**; organização e seleção de textos MOTTA, Manoel Barros da; Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 21ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011a.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FRANÇA, Ana Marcela. A natureza romântica nas pinturas de paisagens dos viajantes do século XIX: sentidos e sentimentos. In: **II Simpósio Internacional de história e Migrações**. Florianópolis, 2012.

GOLDMAN, Simão. Hino ao Rio Grande. Intérprete: Paixão Côrtes. In: PAIXÃO CÔRTE. **Hino ao Rio Grande**. Brasil, 1970. Lado B. Faixa 1.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A importância da história e da cultura. **Inter-Ação**: Ver. Fac. Educ. UFG, v.33, n. 1, p. 87-101, jan./jun. 2008.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira; ARAUJO, Rodrigo Michell dos Santos. Império da Natureza, nomadismo ambiental: pedagogias culturais nas fotografias da revista National Geographic Brasil. **Pesquisa Em Educação Ambiental**, v.7, n.1, p. 123-137, 2012.

PANITZ, Lucas Manassi. **Por uma geografia da música: o espaço geográfico da música popular platina**. Álvaro Luiz Heidrich. 201 p. (Dissertação), Mestrado em Geografia, Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2010.

PEREIRA, Juliana Cristina; FAVERO, Franciele. A experiência na paisagem: a vivência estética, o sublime e o menor. **Textura**, n. 30, jan./abr. 2014.

PEREIRA, Sergio Carvalho; CAMARGO, Cristian. Milonga para cantar querência. Intérprete? Lizandro Amaral; Luiz Marengo. In: 17ª Sapecada da canção nativa, 2009. RIBEIRO, Raquel Alexandra Oliveira da Silva. **Romantismo**: contextualização histórica e das artes. Dissertação (Mestrado). Instituto Politécnico de Castelo Branco. Escola Superior de Artes Aplicadas, Portugal, 2010.

SILVA, Iedo. Me comparando ao Rio Grande. Intérprete: Os Farrapos. In: OS FARRAPOS. **A volta do peão**. Brasil, 1981. Lado A. Faixa 4.

SOARES, Carmen Lúcia. Georges Hébert e o método natural: nova sensibilidade, nova

educação do corpo. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 21-39, set. 2003.

TEIXEIRA, Gujo; CAMARGO, Cristian. Escritos da terra. Intérprete: Marcelo Oliveira. In: 29<sup>º</sup> Reponte da canção Nativa - São Lourenço do Sul – RS, 2013.

\_\_\_\_\_; CAMINHA, Marcello. Isso aconteceu na minha querência. Intérprete: Marcello Caminha: In: **Imagens**. Brasil, 2013. 1 CD. Faixa 3.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. 2<sup>ª</sup> ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VIEIRA, Anomar Danúbio. Estâncias da fronteira. Intérprete: Luiz Marengo: In: LUIZ MARENCO. **Estâncias da fronteira**. Brasil: Vozes o som do Sul, 1999. 1 CD. Faixa 1.

**Revisores de línguas e ABNT/APA:** *Ygor Corrêa*

**Submetido em 17/12/2018**

**Aprovado em 30/05/2020**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)